

A CIDADE LIVRE NÃO ESTAVA NOS PLANOS DE ISRAEL PINHEIRO, QUE ACABOU CEDENDO AOS ARGUMENTOS DE BERNARDO SAYÃO E PERMITIU QUE SE ABRISSEM TRÊS LARGAS E PARALELAS AVENIDAS PARA QUE NELAS SE INSTALASSEM OS ESTABELECIMENTOS PROVISÓRIOS QUE IRIAM ATENDER CANDANGOS E VISITANTES

PROVISÓRIA, DESOBEDIENTE E LIVRE

O desenho original da Cidade Livre se manteve no Núcleo Bandeirante: três avenidas paralelas e uma de contorno



A avenida larga, de lotes demarcados para o comércio: poeira, carroça e uma solidão que durou pouco

Divulgação

FICÇÃO E LIBERDADE

"Papai, tia Francisca, eu e já então tia Matilde estávamos entre as quarentas pessoas a viver, quando de sua inauguração em fevereiro de 1957, na cidade que surgiu do loteamento em terras das fazendas Bananal, Vicente Pires e Gama e cujas principais avenidas foram abertas pela Novacap apenas poucos meses depois de nossa chegada. Em 1957 papai começava a me treinar como guia daquela cidade, a Cidade Livre — principalmente porque isentava os comerciantes de pagar impostos. Os visitantes me achavam engracado porque eu salto tudo sobre a cidade, em meados daquele ano conhecia cada uma de suas treze e quarenta edificações, suas casas e seus armazéns de secos e molhados, farinheiros, fábricas, padarias, açougues, farmácias, suas duas escolas, seus cinemas, seus bares, pensões e hotéis de madeira, que anunciam conforto em colchões de molas, bem como, na praça central, a igreja católica São João Bosco, que Valdivino ajudaria a construir, onde o corpo de Bernardo Sayão um dia seria velado e onde eu confessava minhas fantasias com a tia Francisca ao padre Roque Vilari." Israel Pinheiro não queria a Cidade Livre. Foi uma briga entre Sayão e ele. Eu ouvi eles conversando pelo rádio da Fazenda do Gama. Doutor Sayão perguntava: 'Onde vão ficar os operários que forem chegar atrás de emprego?'. Com muito custo, Israel concordou em fazer a Cidade Livre", relata José Carlos de Souza, hoje morando em Luziânia. Enquanto Joffre Mozart Parada traçava a estrada, colocando o enterovíofórmio no feijão para prevenir

da diarreia. Costumava dizer que ele foi o primeiro sanitário de Brasília", conta Porto.

Ex-prefeito de Rialma (GO), parceiro de Bernardo Sayão na Colônia Agrícola Nacional, em Ceres, José Carlos de Souza, 90 anos, tem uma versão para o surgimento da Cidade Livre. Souza foi um dos primeiros a chegar ao canteiro de obras da nova capital, veio em novembro de 1956, viu chegar um avião "carregado de táblias" e acompanhou Sayão nos preparativos para a inauguração do Catetinho. Passada a festa, o engenheiro perguntou se Souza queria emprego em Brasília. "Não, doutor Sayão, quero fazer um hotel". Imaginava uma pequena edificação de madeira para receber os que chegavam e não tinham de se alojar, mas não se havia pensado, até então, em permitir o surgimento de nenhuma cidade que não fosse a nova capital.

"Das lembranças que os candangos e os visitantes guardam do tempo da construção, a erupção vulcânica da Cidade Livre é uma das mais recorrentes. Quem passou pela Cidade Livre nunca dela se esqueceu. Tão forte impressão já mereceu um romance, *Cidade Livre*, de João Almino, lançado no ano passado (veja trecho). Depois de levar Brasília para dentro de seus quatro primeiros livros de ficção, o autor achou que havia chegado a hora de tratar do tema "através da dimensão concreta da fundação da cidade". Nada mais concreto que a realidade desordenada e mutante da Cidade Livre.

» LEIA NA EDIÇÃO DE 30 DE JULHO DE 2011 — O fotógrafo que ajudou a demarcar o Eixo Monumental, o Eixo e o Marco Zero mora até hoje em Brasília. Os bastidores da escolha do projeto do Plano Piloto.

www.correobraziliense.com.br

Acompanhe no hotsite mapas, filmes, fotos e textos que vão contar a história das obras de Brasília construídas até a inauguração.

LEITURAS

- » Brasília, o enigma da esfinge, Luís Carlos Lopes, Editora Unisinos/Editora UFRGS, 1996
- » Cidade Livre, João Almino, Record, 2010
- » Cotidiano e polícia: a vida social e a intervenção policial durante a construção de Brasília (1956/1960), Paula Francinetti da Silva, dissertação de mestrado, história/UnB, 1994
- » De Plano Piloto a Metrópole, a mancha urbana de Brasília, Jusselma Duarte de Brito, série Brasília Histórica 50 anos, UnB/Sinduscon
- » Diário de Brasília, 1956/1957
- » Mil dias para uma cidade, Adirson Vasconcelos, edição do autor, 1963
- » Os pioneiros da construção de Brasília, volumes 1 e 2, Adirson Vasconcelos, edição do autor, 1992
- » Revista Brasília, números 1 e 2, Novacap, janeiro e fevereiro de 1956
- AGRADECIMENTOS
- » Arquivo Público do Distrito Federal
- » D.P. Press

Gustavo Moreno/CB/D.A Press - 4/2/10

Clementino Cândido tirou área e cascalho do Rio Corumbá para as obras de Brasília, participou da construção do Catetinho, do Palácio da Alvorada, do Supremo Tribunal Federal, do Teatro Nacional, do Banco do Brasil até ser levado para a sede da Construtora Rabelo, onde se aposentou. Hoje ele mora no Riacho Fundo.



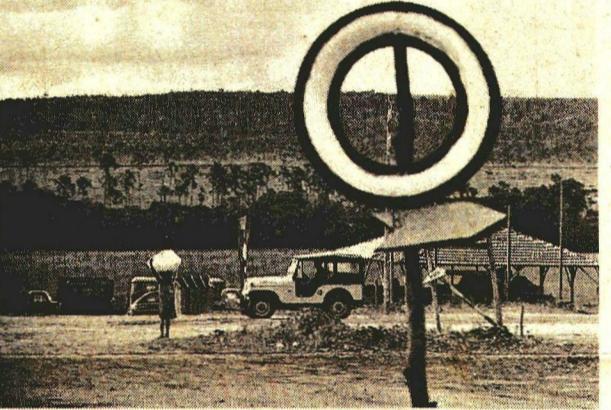
"Cheguei à Cidade Livre em 5 de janeiro de 1957. Um Rural (Willys) chamando para tirar areia em Corumbá. Cheguei passando mal, com uma (gripe) asiática. Mesmo assim, subi na Rural. Quando recebi os primeiros tostões, quando vi aquele dinheiro, falei 'nossa senhora, desse jeito até depois de morto eu trabalho'. Asiática era uma gripe muito forte, mais forte que a pneumonia. Só não punha sangue, mas tinha aquela tosse, os olhos vermelhos a dor de cabeça de matar e vômito. Quando mergulhei na água fria do (rio) Corumbá para trazer cascalho pra construir Brasília, sarei. A água gelada do Goiás me curou da asiática. Foi ali que um motorista me disse que eu tinha que trabalhar fichado na firma. Que eu tinha que pagar instituto (previdência social) pra quando eu me aposentasse quando ficasse velho. E eu sabia o que era instituto? Eu sabia o que era firma? Não sabia nada. Sabia muito era montar num cavalo bravo, pegar bot bravo, lá em Rio Casca (Minas Gerais). Eu achava que documento era só a identidade e a reservatória. Nem sabia que tinha a tal de (carteira) profissional. Eu só tinha e vinte e seis! Nunca tinha visto tanto dinheiro. Nossa Senhora. Eu não sabia contar dinheiro. Pediu pra meu colega contar, e fiquei encostado nele com medo de pegar o meu dinheiro. Se ele tentasse, eu pegava ele até no dente!"

Arquivo/Arquivo Público do DF



Farmácia Moura, uma das primeiras da cidade pioneira

Ake Borglund /Divulgação



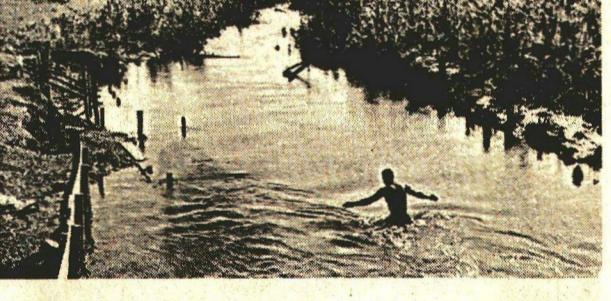
O jipe e a lavadeira: personagens do começo da história

Arquivo Público do DF/Divulgação



O aviso nas primeiras estradas: caminhão não podia passar

Ake Borglund /Divulgação



O córrego Vicente Pires, em 1957: uma cidade bem ao lado



vias paralelas do futuro Núcleo Bandeirante, Souza foi providenciar a mudança da família e a compra de material de construção. "Em dezembro de 1956, já estavam debaixo de uma barraca de lona, na Avenida Central, eu, minha mulher e quatro filhos, todos com menos de 12 anos. Todo dia aparecia gente querendo um prato de comida porque não havia lugar pra comer. O Hotel Souza foi o segundo a ser construído na Cidade Livre. Seis meses depois, os cinco primeiros estabelecimentos se multiplicaram vertiginosamente. Em julho de 1957, havia 342 edificações de madeira que abrigavam de agências bancárias a prostíbulos.

Das lembranças que os candangos e os visitantes guardam do tempo da construção, a erupção vulcânica da Cidade Livre é uma das mais recorrentes. Quem passou pela Cidade Livre nunca dela se esqueceu. Tão forte impressão já mereceu um romance, *Cidade Livre*, de João Almino, lançado no ano passado (veja trecho). Descobri que o cozinheiro do Saps, um italiano, tinha comprado os medicamentos. Ele estava colocando o enterovíofórmio no feijão para prevenir